

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

# Trajetórias de corpos em movimento: experiências corporais da rede Sesc/RS

*Diewerson do Nascimento Raymundo*
*Arte/educador Sesc/Rs; mestrando em Educação Profissional pela UERGS*

*Prof. Dr. Eduardo Guedes Pacheco*
*Universidade Estadual do Rio Grande do Sul*

**Resumo:** o texto a seguir discorre sobre algumas vivências, estudos e aproximações que as Escolas de Educação Infantil e o Projeto Habilidades de Estudo da Rede Sesc/Rs localizadas em 21 cidades gaúchas têm realizado desde 2017 a partir do projeto *Trajetórias Corporais: compartilhando experiências sobre corpo e movimento,* otimizado pelo Departamento Regional do Sesc/RS no intuito de incentivar ações interdisciplinares entre pedagogos, educadores físicos e agentes culturais sobre a corporeidade e a importância de articular a linguagem da dança no cotidiano escolar. A instituição referida vem promovendo reflexões, formações presenciais e virtuais a fim de instigar seu grupo de educadores a criarem suas próprias práticas corporais fundamentadas pela brincadeira e pela ludicidade. As vivências são elaboradas através de proposições interdisciplinares atentas à diversidade de ritmos, corpos e narrativas que povoam os diferentes espaços educativos, respeitando as faixas etárias e especificidades dos grupos de crianças atendidas. Como ponto de partida buscamos apoio no trabalho dos grupos *Segni Mossi* (LUMARE;LOBEFARO, 201-?) e *Yoga dos Bichos* (GUIMARÃES, 201-?), buscando a proposição de exercícios que convidam adultos e crianças a experimentarem outras formas de se relacionar corporalmente consigo mesmos e com os outros através de jogos e brincadeiras que não estão pautadas na oralidade, mas sim, na comunicação não-verbal.

**Palavras-chave:** corpo em movimento; dança e teatro na escola; educação infantil

## Corpo, sociedade e cultura

Ao longo da história da evolução humana a comunicação não-verbal desempenhou um papel determinante na interação e convivência dos ancestrais do homem contemporâneo. Os povos pré-históricos já se comunicavam com os coletivos através de gestos e ações corporais a fim de compartilharem suas experiências, expressar suas necessidades e divulgar o seu cotidiano. Gradualmente aquilo que era comunicado pelo gesto (imagem corporal) passou a ser organizado e representado nas paredes das cavernas através de pinturas e gravuras (imagem visual) que poderiam ser “lidas” por todos.

À luz de uma sociedade em que historicamente o corpo acabou sendo negado em detrimento da evolução intelectual sob amparo da moralidade (GIRARD;CHALVIN, 2001), faz-se cada vez mais necessário o resgate do

entendimento que com e pelo corpo se aprende, se ensina, se sente, se expressa, se cria, se brinca e se vive no coletivo.

A sociedade contemporânea acaba adotando um conjunto de regras e leis que padronizam os corpos a partir de moldes e formas pré-estabelecidas. Nessa ideia, há um significativo número de pessoas que sofrem de baixa-estima e têm dificuldades de perceber e aceitar seus corpos, visto que seus perfis não se enquadram nos modelos e padrões estabelecidos pelo ideal ditatorial de beleza que evocam, por exemplo, as grandes mídias e a moda. A identidade e individualidade é frequentemente negada para atender a coletividade de um padrão hegemônico, em sua maioria brancos, de cabelos lisos com aceso a água tratada e saneamento básico. A escultura urbana *Freedom (Figura 1)* criada pelo artista Frudakis nos faz refletir sobre essa questão, sugerindo o engessamento que os corpos sofreram (e ainda sofrem) ao longo dos anos, seja na sociedade de modo geral e nos próprios espaços educacionais. Nessa perspectiva corpos com dimensões e características completamente diferentes acabam sendo condenados a um molde comum.



Figura 1 - FREEDOM – Zenos Frudakis - Escultura em bronze. Filadélfia, Estados Unidos, 2001.

Condutas e comportamentos eram (e ainda são) moduladas para cada espaço. Criando-se com isso estereótipos de pessoas: o aluno que deve permanecer imóvel em sua carteira enquanto o professor literalmente despeja o conteúdo; a mulher que deve ser impecável em sua aparência e ser responsável pela casa; o homem que deve ser mecanicamente focado no trabalho para garantir sustento financeiro de sua

família, dentre tantos outros exemplos que poderiam ser citados. E a relação entre cultura e identidade na gestualidade como compõe com este cenário de imposições e formatações? Estão relacionadas com as experiências histórico-sociais que cada grupo étnico vivenciou na manutenção de sua cultura através do movimento. Sociedade e cultura são pontos que atravessam diretamente o comportamento corporal dos sujeitos. No dicionário de antropologia teatral *A arte secreta do ator* organizado por Eugênio Barba e Nicola Savarese (1995) há um capítulo dedicado somente a expressividade das mãos em diferentes culturas. Pensando sobre isso podemos fazer uma breve visualização mental das mãos nas culturas e na dança evidenciando diferentes significados: na dança indiana clássica, por exemplo, as mãos estão ativamente representando mudras variados; enquanto que no balé clássico as mãos assumem posições pontuais e dinâmicas que dão continuidade ao movimento dos braços do bailarino, já no flamenco assumem atitudes repletas de intenção. Tomando estas colocações cabe perguntar, por exemplo, qual o papel das mãos nos espaços educacionais? Assim como, podemos perguntar, o que o corpo é convidado a expressar quando estamos tratando destes espaços?

**Corpos que contam histórias, que riscam e pintam o espaço**

A proposição de pensar/vivenciar o compartilhamento de experiências entre corpo e movimento com grupos de crianças que participam de ações sistemáticas e educativas do Sesc/RS surgiu da necessidade de oportunizarmos espaços de diálogos e práticas inclusivas, refletindo sobre as diferentes trajetórias[1] desses corpos que circulam e interagem por diversos espaços, se comunicando e se relacionando com diferentes pares, grupos, culturas e idades. Surgiu assim o projeto *Trajetórias corporais: compartilhando experiências entre corpo e movimento*, que se desdobrou de norte a sul, de leste a oeste do Estado através de 21 cidades[2],

[1] A concepção de *trajetórias* na educação pelo movimento considera os diferentes percursos corporais, destacando que em nosso modo de pensar não existe um ponto de saída e chegada comum a todos, de que o gosto sobre um estilo de dança varia de acordo com a localidade e com a cultura que a criança acessa, destacando que as ações estão abertas às diferenças de opiniões e gestos produzidos tantos pelos educadores quanto pelas crianças durante o projeto.

[2] As cidades que participaram foram: Alegrete, Bagé, Cachoeira do Sul, Cachoeirinha, Camaquã, Carazinho, Caxias do Sul, Chuí, Erechim, Ijuí, Lajeado, Novo Hamburgo, Porto Alegre, Rio Grande,

apresentando um panorama bastante diverso das manifestações culturais que cada localidade acessa e produz.

É importante esclarecer que esse texto se restringe ao movimento e a corporeidade considerando as concepções dos pedagogos e educadores físicos que desenvolveram vivências interdisciplinares com crianças entre 3 a 12 anos, participantes da Rede Sesc/RS de Escolas de Educação Infantil e Projeto Habilidades de Estudo, respectivamente. Tendo em vista que as crianças ao brincarem e apropriarem-se do repertório corporal presente na cultura de suas comunidades, seja nos gestos cotidianos ou nas brincadeiras, jogos e danças, estarão construindo conhecimento por meio do movimento[3].

Entendendo a relação da musicalidade com a expressividade corporal e a gestualidade na dança, realizamos entre maio de 2017 até julho de 2018, um exercício de colocar uma lente de aumento nas ações que elencassem corpo e movimento, articulando ações interdisciplinares que pudessem contribuir de forma lúdica na proposição de jogos corporais, circuito de movimentos e jogos musicais. Por isso, na pretensão de ampliar o repertório gestual e apresentar outras possibilidades de movimento às crianças, nos apoiamos em Lumare e Lobefaro (201-?) no trabalho com *Segni Mossi*[4] , e na ação de Guimarães (201-?) com o *Yoga dos Bichos*[5] para criar a oficina *Histórias que o corpo conta*[6] *(RAYMUNDO, 2017)*. Nessa experiência sensório-corporal trabalhamos numa forma diferenciada de contar histórias, aproximando conceitos da dança e do teatro, tais como: foco e atenção, equilíbrio, apoios e alavancas, fluência, ritmo, velocidades, força e peso, na

---

Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa, Santana do Livramento, Santo Ângelo, Tramandaí, Viamão

[3] SESC, 2015, p. 62

[4] É um projeto organizado pelos italianos Simona Lobefaro (coreógrafa) e Alessandro Lumare (artista visual), que pretende integrar numa mesma prática as linguagens corporais da Dança (Movimento) com os sinais gráficos do Desenho.

[5] Otimizado por João Guimarães também conhecido como JoãoCaré em 2004 a proposição do Yoga dos Bichos pretende estimular a prática da yoga com o público infantil (yogis) através de uma série de imagens que adapta os ássanas (posturas corporais do yoga) na corporeidade de animais. A criança é desafiada a reproduzir corporalmente a forma com que os animais se apresentam, adaptando na estrutura de seu próprio corpo a matriz do movimento proposta pelo animal.

[6] As ações inicias do projeto estão descritas na publicação da Revista EducaSesc (2017. P.33-35), disponível em: https://www.sesc-rs.com.br/educacao/revistaeducasesc . Acesso em: 15 de setembro de 2018.

transição de uma postura da yoga para outra, compondo uma narrativa de movimentos que correspondiam a estória criada coletivamente através do improviso com as crianças participantes. Paralelamente também exercitamos a relação entre corpo-espaço a partir de uma proposta de desenho e dança, em que o ato de desenhar convidava o movimento. Pensar que o papel, suporte normalmente utilizado para experimentações de desenho e pintura sobre as mesas, poderia ser apresentado as crianças em outras alturas, ângulos, gerando outras ações corporais durante a atividade trouxe inicialmente um desconforto para alguns educadores, haja visto que suscitava maior empenho e disponibilidade corporal dos adultos. A evolução do pensamento pedagógico ao compreender que as diferentes linguagens da criança que povoam o ambiente escolar convivem simultaneamente sem repartições numa mesma experiência, pode ser percebida no relato de experiência[7] produzido pelas cidades participantes. Em uma das atividades cobrirmos o chão com papel branco e convidamos as crianças para que atravessassem esse espaço equilibradas numa bola suíça e ainda deixassem marcas com giz carvão. Uma escola explica que "[...] é muito mais que ficar sentado pintando uma folha, [porém, percebe-se que] a criança é potente e podemos desafiá-la para aflorar sua criatividade através do movimento no espaço, dando sentido a isso". Nessa ação de desenhar com o corpo a criança está imprimindo uma série de marcas enquanto vivencia desafios motores que nos possibilitam observar sua relação com o próprio corpo, suas potencialidades e dificuldades, além de ressignificar a vivência do desenho na educação infantil através de uma proposta que faça sentindo às crianças.

Nesse sentido, a abordagem de trabalho do Sesc/Rs vem contribuindo para a criação de espaços de problematização sobre a importância de reconhecer-se a corporeidade no cotidiano do currículo como tema gerador de conhecimentos específicos a partir de uma linguagem própria[8]. Assim como a gramática na língua

[7] As falas destacadas como *Relato de experiência* correspondem as impressões, memórias e reflexões das cidades participantes do projeto.

[8] "Um corpo que se arrisca para alcançar objetos, um corpo que cai e levanta, um corpo que se desafia em todos os momentos, é o mesmo corpo que também comunica com autonomia". RELATO DE EXPERIÊNCIA, 2018.

portuguesa apresenta uma série de regramentos, e simbologias na efetivação e entendimento da língua, as artes em suas diferentes linguagens, são dotadas de códigos que auxiliam a prática, a fruição e a interpretação do que é produzido (MARQUES, 2010).

Algumas percepções das crianças sobre os significados que seus corpos expressavam ao movimentar-se precisam ser destacadas. O ato de arrastar-se no chão, por exemplo, para passar por um obstáculo, na leitura das crianças fez com que eles se lembrassem de atitudes corporais próprias dos militares. Ao "[...] organizar esconderijos e um brincar que sinalizava atividades militares, [as crianças] representavam simbolicamente em suas falas referências ao quartel do exército ao rastejarem entre os estepes".[9] Interessante que a cidade que produziu o relato possui uma representatividade considerável do exército, ou seja, as crianças observam cotidianamente a forma que o corpo militar assume, isso reforça o repertório gestual dessas crianças que evocam suas memórias corporais do lugar em que vivem durante as brincadeiras.

**Fronteiras que se borram, conhecimentos que se somam**

Percebe-se que a parceria estabelecida com os educadores físicos das academias através da Ginástica infantil[10] tem estimulado os pedagogos a compreenderem a importância de os adultos também participarem das atividades e se disponibilizarem corporalmente. O interesse da criança em brincar com o corpo é ampliado quando esta percebe que os adultos também estão brincando, e sobretudo, se divertindo.

> A aproximação das crianças com o Instrutor da Academia vem acontecendo de maneira natural neste cotidiano. Explorar com as crianças as possibilidades de movimento corporal é uma descoberta tanto do professor quando dos alunos, pois ao mesmo tempo em que o professor propõe ou executa um movimento, acaba aprendendo com as crianças outras formas de explorar. RELATO DE EXPERIÊNCIA, 2018

[9] RELATO DE EXPERIÊNCIA, 2018

[10] As atividades da ginástica infantil são planejadas pelos instrutores de academia junto às instrutoras pedagógicas, visando atender as várias dimensões do movimento infantil, correr, pular, rolar, girar, descer, dançar, rebolar enfim conhecer e se apropriar do corpo. RELATO DE EXPERIÊNCIA, 2018.

O que reforça o entendimento sobre o estado de jogo[11] necessário ao adulto enquanto participa ativamente da brincadeira. Sendo assim,

> [...] é preciso considerar o adulto enquanto parceiro dessa criança que brinca e explora o ambiente, um adulto também corpóreo e expressivo que se constitui [...] da experiência formativa em práticas pedagógicas que compreendam o corpo desarticulado do pensamento [racional]. RELATO DE EXPERIÊNCIA, 2018
>
> [Pois] Quando estamos inseridos no contexto [e] experimentamos as sensações de rolar, de pular, de gritar, de dançar e de sentir o próprio corpo, também conseguimos desenvolver isso de maneira mais familiarizada com as crianças. RELATO DE EXPERIÊNCIA, 2018.

Portanto, ao participar da ação o adulto percebe no próprio corpo os sinais e desejos de criar outras possibilidades que estimulem a vivência de experiências corporais e assim novas trajetórias vão se constituindo, evidentemente respeitando a complexidade e o desenvolvimento físico e cognitivo de cada faixa-etária. Porém, tal atitude evidencia a necessidade dos profissionais que atuam na escola com o movimento, de se retroalimentem constantemente de novos repertórios, reconhecendo a relevância do faz de conta no trabalho com crianças menores, e a de espaços mais desafiadores e esteticamente atrativos no trabalho com as crianças maiores. Contudo, “para que possamos questionar, repensar e compreender o que tem sido feito e o que se pode melhorar, superando as dificuldades encontradas no percurso”[12] é imprescindível que nos permitamos a também arriscar, a nos colocarmos em desequilíbrio, nos despojarmos do adultocentrismo e nos revestirmos dos encantos e imaginários infantis.

**O que ficou na memória corporal?**

Consideramos que a totalidade das vivências despertou um maior entrosamento entre as equipes de multiprofissionais que convivem com as crianças. Sem dúvida o apoio dos agentes de cultura foi importantíssimo na aproximação da escola com os corpos dançantes das localidades, possibilitando uma diversidade de

[11] No teatro, utiliza-se a expressão *estado de jogo* para se referir a uma qualidade corporal que o jogador/ator assume enquanto improvisa. O tônus e a atenção corporal estão ativos e disponíveis às situações propostas no jogo, podemos destacar que durante o brincar essas atitudes corporais também são evocadas.
[12] RELATO DE EXPERIÊNCIA, 2018.

movimentos pelo Estado e o reconhecimento das características culturais de cada cidade na linguagem corporal.

Enquanto que na região norte e na serra as crianças maiores fizeram um resgate de brincadeiras e jogos de mãos, desafiando-se pela prática da yoga; na região metropolitana as crianças fruíram espetáculos de danças urbanas, interagindo entre dança e desenho; na região das missões os corpos pesquisaram o sertanejo de raíz, *reggaeton*, zumba, entre outros; na região da campanha as crianças ampliaram seus conhecimentos sobre a capoeira e as danças tradicionais gaúchas, além do balé e jazz; já na região litoral e central, experimentou-se explorar a agilidade e flexibilidade da capoeira, a precisão e a densidade do movimento nas danças africanas, e por fim no extremo sul a capacidade de rebolar numa velocidade extracotidiana ao som dos candombes, da murga e das cumbias uruguaias. O encantamento e as novas experiências geradas a partir da dança e do movimento, na visão das escolas foram "[...] aprendizagens que nos permitiram conhecer e ampliar nossa relação com o outro, entendendo e contemplando aquilo que [nós] mesmos tínhamos a nos dizer e mostrar [...]"[13] de um modo que provavelmente não conseguiríamos significar pela verbalização.

Por fim, cabe destacar que o projeto cumpriu com seus propósitos educativos, instigando o resgate e a pesquisa de brincadeiras gestuais, tais como jogos de mãos, cantigas de roda, parlendas, etc. Possibilitou ao grupo de educadores entrar em contato com leituras técnicas e estudos voltados à especificidade do brincar corporal, do movimento e da dança na infância, tais como (ALMEIDA, 2016); (CAMARGO,2014); (MARQUES, 2010). A maior interatividade entre educadores físicos e pedagogos na elaboração de planejamentos e realização de práticas corporais às crianças; pensando desafios que atendessem cada grupo em suas especificidades proporcionou maior diálogo da Ginástica Infantil com as vivências e pesquisas desenvolvidas pelas crianças. Ampliou o entendimento dos educadores físicos sobre a importância da organização dos espaços com tecidos, luzes, aromas e demais elementos que sensorialmente instigassem as crianças a participar, efetivando uma didática de trabalho em consonância com o entendimento de

[13] Idem.

infância da instituição. Acreditamos que a valorização e aproximação das manifestações artísticas locais também merecem ser destacadas, pois oportunizaram às crianças e adultos momentos de fruição e aprendizagem dos signos e códigos que compõem a linguagem da dança além de compartilharem saberes com pessoas da comunidade. E assim criarem suas próprias trajetórias dançantes pelo mundo.

**Referências**

ALMEIDA, Fernanda de Souza. *Que dança é essa?* Uma proposta para a educação infantil. São Paulo: Summus, 2016.

BARBA, Eugenio. SAVARESE, Nicola. *A arte secreta do ator:* dicionário de antropologia teatral. São Paulo: Editora Hucitec,1995.

CAMARGO, Daiana. *O brincar corporal na educação infantil:* reflexões sobreo educador, sua ação e formação. Curitiba: Intersaberes, 2014.

FRUDAKIS, Zenos. *FREEDOM.* [Escultura em bronze]. Estados Unidos-Filadélfia, 2001.

GIRARD, V.; CHALVIN, M.J. *Um corpo para compreender e aprender*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MARQUES, Isabel A. *Linguagem da dança: arte e ensino.* 1ª. São Paulo: Digitexto, 2010.

RELATO DE EXPERIÊNCIA. Registros de domínio interno, produzidos textualmente pelas cidades participantes do projeto. Rio Grande do Sul, 2018.

RAYMUNDO, Diewerson do N. Trajetórias corporais compartilhando experiências sobre corpo e movimento nos espaços educativos do Sesc/Rs *In Revista EducaSesc.* Porto Alegre: Pubblicato, 2017.P.33-35. Disponível em: https://www.sesc-rs.com.br/educacao/revistaeducasesc. Acesso em: 15 de setembro de 2018.

SESC. *Proposta Pedagógica da Educação Infantil*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Sesc, 2015.

LUMARE, Alessandro; LOBEFARO, Simona. *Segni Mossi.* Web. Itália, 201-?. Disponível em: https://www.segnimossi.net/it. Acesso em 15 de setembro de 2018.

GUIMARÃES, João. *Yoga dos Bichos.* Web. São Paulo, 201-?. Disponível em: http://yogadosbichos.art.br Acesso em: 15 de setembro de 2018.